

CB
13/6/98, 19
08

Índios põem fogo em posto da Funai

Acampamento da instituição é atacado por grupos arredios e servidores se refugiam na mata. FAB pode ajudar a retirar a equipe

Ronaldo Brasiliense
Da equipe do Correio

Índios arredios que vivem na fronteira do Brasil com o Peru, no estado do Acre, ainda não contactados pelo homem branco, atacaram e tocaram fogo, ontem, no acampamento da frente de contato da Fundação Nacional do Índio (Funai), chefiada pelo sertanista José Carlos Meireles Júnior.

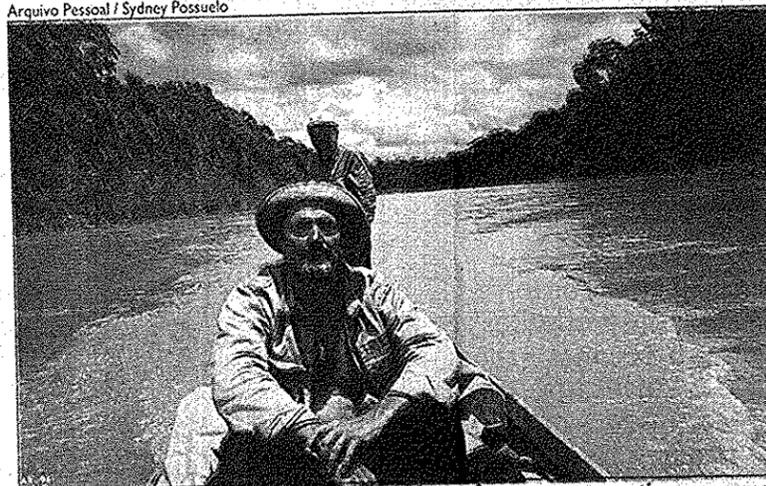
O ataque ocorreu próximo à cabeceira do rio Jordão, em área de difícil acesso. Os membros da expedição da Funai conseguiram fugir, embrenhando-se na mata, e foram se refugiar no acampamento da empresa Asserplan, que vem demarcando para a Funai a área indígena Kampa, a

alguns quilômetros do local onde o sertanista Meireles mantinha seu acampamento avançado.

As primeiras informações sobre o ataque foram repassadas para Brasília pelo próprio sertanista Meireles Júnior, via rádio, pedindo providências para que todo o pessoal que está refugiado no acampamento da Asserplan seja removido imediatamente, pois os índios isolados continuam nas proximidades e existe a possibilidade de um novo ataque, com consequências imprevisíveis.

Ontem mesmo seguiu para a área do ataque o sertanista Sydney Possuelo, chefe da Coordenadoria de Índios Isolados da Funai, com a missão de retirar os membros da expedição do sertanista Meireles. A

Arquivo Pessoal / Sydney Possuelo



Possuelo, na região onde descobriu os índios: esforço para garantir a segurança

Funai manteve contato com o Comando Militar da Amazônia e com a Força Aérea Brasileira (FAB), tentando o empréstimo de um helicóptero, único meio de transporte capaz de assegurar a retirada de todos os funcionários sem riscos de conflitos com os índios.

MEMÓRIA

Para se chegar ao acampamento da frente de contato, são necessários dois dias de viagem de barco, descendo o rio Envira, e várias horas de voo de monomotor sobre a região fronteira com o Peru, onde Meireles e Sydney Possuelo com-

provaram há três meses a existência de várias aldeias indígenas construídas no meio da mata.

Meireles Júnior, que comanda há dois anos a Frente de Contato do Rio Jordão, em território acreano, já havia registrado na região a presença de índios nunca contactados pelo homem branco. E são índios pouco amistosos — provavelmente da etnia kaxinauá ou maso — que nos dois últimos anos entraram em conflitos armados com seringueiros, matando três pessoas: um homem, uma mulher e uma criança.

“A 40 quilômetros da fronteira com o Peru constatamos a existência de umas quinze malocas, de 12 a 15 metros de comprimento por quatro metros de largura. Vimos índios nus, de cabelo curto, pintados de vermelho”, contou Sydney Possuelo ao Correio Braziliense. Na companhia de Meireles Júnior, Possuelo também contou oito grandes roças nas proximidades das malocas.

Munidos com um GPS, aparelho

que permite definir sem margem de erro a localização geográfica de áreas, Possuelo e Meireles também conseguiram visualizar pequenas malocas escondidas entre as árvores da floresta tropical, provavelmente de uma etnia indígena diferente da localizada no rio Jordão. Para sobrevoar as malocas, os sertanistas foram obrigados a pousar numa pista de uma fazenda conhecida como Califórnia, abandonada há anos. “Por causa das fortes chuvas, tivemos que passar dias na fazenda, sem conseguir decolar”, disse Possuelo.

A Funai decidiu intervir na área para evitar confrontos armados entre os índios arredios e seringueiros que expandem suas frentes de trabalho rumo à área onde os índios vivem. “Nosso objetivo agora é isolar a área onde os índios vivem para garantir sua segurança”, adianta Possuelo, que teme a ocorrência de novos choques entre índios e brancos.